



SONHOS TRANS(BORDADOS) : PESQUISA, FEITURA E REVERBERAÇÕES

Ana Flávia da Fonte Netto de Mendonça¹, Maria Betânia e Silva²

TRANS(EMBROIDERED) DREAMS: RESEARCH, MAKING AND REVERBERATIONS

SUEÑOS TRANS(BORDADOS): INVESTIGACIÓN, REALIZACIÓN Y REVERBERACIONES

1 Doutoranda em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (Portugal). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8431183266418627>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8883-5536>, e-mail: anaflaviafnm@gmail.com

2 Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2010). Professora da Graduação e do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0531466233320912>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2149-8982>, e-mail: maria.bsilva2@ufpe.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o processo criativo da obra “Sonhos trans(bordados)”, elaborada entre os anos de 2020 e 2021, durante a pandemia da COVID-19. Através da narrativa autobiográfica e da metodologia a/r/tográfica, a autora narra e reflete sobre a pesquisa, a criação artística e as reverberações educativas do seu trabalho, com a intenção de fomentar, em sua comunidade, a ideia de preservação da memória dos sonhos. O bordado livre é a técnica escolhida para este “trabalho de aranha” de construção de redes e, também, para o desafio das representações imagéticas, emaranhando texto, arte têxtil, sonhos e utopias.

Palavras-chaves: Processo criativo. Memória. Sonhos.

ABSTRACT

This article aims to reflect the creative process of the artwork “Trans(embroideries) dreams”, created during the COVID-19 pandemic between 2020 and 2021. Through autobiographical narrative and a/r/tographic methodology, the author narrates and reflects on research, artistic creation and the educational reverberations of her artwork to foster the idea of preserving the memory of dreams in her community. Free embroidery was the technique chosen for this “spider work” of building networks and also for the challenge of imagery representations, tangling text, textile art, dreams and utopias.

Keywords: Creative process. Memory. Dreams.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre el proceso creativo de la obra “Sueños trans(bordados)”, realizada entre 2020 y 2021, durante la pandemia del COVID-19. A través de la narrativa autobiográfica y de la metodología a/r/tográfica, la autora narra y reflexiona sobre la investigación, la creación artística y las reverberaciones educativas de su obra, con la intención de fomentar, en su comunidad, la idea de preservación de la memoria de los sueños. El bordado libre es la técnica elegida para este “trabajo de araña” de construcción de redes y, también, para el desafío de representaciones de imágenes, enredando textos, arte têxtil, sueños y utopias.

Palabras clave: Proceso creativo. Memoria. Sueños.

O desejo de escrever este artigo surgiu durante uma aula da disciplina de Fotografia e Corpo, quando propus aos alunos um exercício prático com a temática “autorretrato e quarentena” e decidi, também, colocar o meu corpo naquele desafio de produção poética. Era o semestre complementar 2020.3 dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), estávamos no segundo semestre de 2020 e, observando os resultados do meu ensaio fotográfico, conforme Fig.1, percebi o quanto o ato de dormir estava ocupando um papel central nos meus dias.

Da matéria que sustenta o tablado dos sonhos

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde classificou a Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, como uma pandemia. A partir do dia 18 de março, através do decreto Nº 48.810 de 16/03/2020, o Governo de Pernambuco suspendeu o funcionamento das escolas, universidades e demais estabelecimentos de ensino, público ou privado, em todo o Estado de Pernambuco. Entretanto, desde o dia 16 a UFPE já tinha tomado a medida preventiva de suspensão das atividades presenciais.

Acumulando as funções de graduanda e professora substituta na mesma instituição, percebi-me sozinha, em silêncio, em casa, com a possibilidade de dispor de todas as horas do dia conforme há muito não podia (a última lembrança deste gosto de liberdade em relação à fruição do tempo vinha das tardes da minha infância). Deparei-me com algumas novidades na primeira semana de isolamento social: os motores de carro e as buzinas aquietaram-se e os fins de tarde chegaram acompanhados do canto das cigarras, que para minha surpresa também faziam morada em Recife. Animais resilientes, oprimidos pelos sons da cidade grande, puderam, pela primeira vez em muito anos, voltar a estrelar a já esquecida “hora das cigarras” com a plateia cheia. Notei, também com a pausa forçada, como há anos dormia mal.



FIGURA 1.

Ana Flávia Mendonça, Autorretrato, setembro de 2020. Fotografia, 09x16 cm. Recife. Fonte: Ana Flávia Mendonça.

Vivenciar a cama, permanecer naquele espaço-tempo sem pressa, dar descanso às pálpebras, sentir o cheiro do pijama e do lençol, ouvir os cantos dos pássaros e o pontual roçado da vassoura no pátio da casa vizinha, calar o despertador: resgates de prazer trazidos pelo ócio (MENDONÇA, 2021, p.5).

Por coincidência ou sincronicidade, estava lendo naqueles dias o livro “Sociedade do Cansaço”, do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, e houve uma identificação imediata com aquelas palavras: percebi-me esgotada pelo enaltecimento social da atividade e da produção. Segundo Han (2017), na sociedade do desempenho os habitantes são empresários de si mesmo, entretanto esta aparente liberdade resulta em auto exploração, acarretada pelo excesso de trabalho e pela busca incansável por atingir altos níveis de performance.

Os desempenhos culturais da humanidade, dos quais faz parte também a filosofia, devem-se a uma atenção profunda, contemplativa. A cultura pressupõe um ambiente onde seja possível uma atenção profunda. Essa atenção profunda é cada vez mais deslocada por uma forma de atenção bem distinta, a hiperatenção (*hyperattention*). Essa atenção dispersa se caracteriza por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos (HAN, 2017, p.33).

Como uma *millennial*, também estava envolvida em alguns projetos de arte, todos acontecendo paralelamente, como se a vida da Geração Y fosse vivida da forma como acessamos ao computador: várias janelas e abas abertas simultaneamente – uma habilidade desgastante e cansativa de atuar de maneira multifocal. Lembrei também de uma jovem chefe, em uma das minhas primeiras experiências profissionais, que atrelava a ideia de bom desempenho à atuação de equilibristas de pratos circense: sempre mexendo um pouco em cada haste para manter o movimento simultâneo dos pratos dançarinos. Sentia-me exausta só de pensar

nos pratos, na época, mas agora percebia que estava vivendo com uma sensação de “apagar um incêndio por dia”, sempre atendendo demandas em regime de urgências.

Percebi esta mesma exaustão frenética na participação em redes sociais: novas fotografias, novos vídeos, novas informações – sempre disponíveis a cada novo segundo, ao alcance de um movimento também compulsivo de dedos polegares rolando sobre telas de smartphones. Seriam “telefones inteligentes” mesmo? Ou será que estamos deixando nossa inteligência de lado quando sintonizamos nossos corpos à frequência deste sistema de supervalorização da atividade?

Se o sono perfaz o ponto alto do descanso físico, o tédio profundo constitui o ponto alto do descanso espiritual. Pura inquietação não gera nada de novo. Reproduz e acelera o já existente. Benjamin (1982, p.161) lamenta que esse ninho de descanso e de repouso do pássaro onírico está desaparecendo cada vez mais na modernidade. Não se “tece mais e não se fia”. O tédio seria um “pano cinza quente, forrado por dentro com o mais incandescente e o mais colorido revestimento de seda que já existiu” e no qual “nos enrolamos quando sonhamos”. Nos “arabescos de seu revestimento estaríamos em casa”. Com o desaparecimento do descanso, teriam se perdido os “dons do escutar espreitando” e desapareceria a “comunidade dos espreitadores” (apud HAN, 2017, p.33-34).

O tempo da contemplação, de que falavam Han e Benjamin – era isso que me faltava! O recolhimento contemplativo forçado da quarentena fez-me perceber que poderia ser lenta, como há muitos anos não ousava ser. Inspirar com calma, contar até três, segurar o ar em três tempos dentro do pulmão e expirar demoradamente por mais três segundos – este exercício simples de consciência corporal, proposto em uma aula remota da Universidade, escancarou o meu fôlego curto, apressado, ansioso, de “peixe fora d’água”. Após algumas aulas e semanas de prática, já conseguia segurar o ar por quatro segundos, com certo esforço.

No ano de 2020, estiveram na cabeceira da minha cama os livros de Patti Smith, roqueira norte americana famosa pelo disco “Horses”. Conheci sua faceta escritora através da indicação de um clube de leitura local: o Clube Traça. “O ano do macaco” (SMITH, 2019b) marcou-me sobretudo pela maneira como Patti dava aos seus sonhos um lugar de protagonismo na narrativa. Em seguida, li “Só garotos” (SMITH, 2010), “Linha M” (SMITH, 2016) e “Devoção” (SMITH, 2019a), por conta própria e já viciada na poética deambulante da escritora. Patti fez-me voltar a atenção sobre os meus sonhos, assim como Marcelo, meu companheiro, que costuma sonhar muito longos sonhos cheios de enigmas e mistério. Segundo Krenak (2020, p.37-38):

Sonhar é uma prática que pode ser entendida como regime cultural em que, de manhã cedo, as pessoas contam o sonho que tiveram. Não como uma atividade pública, mas de caráter íntimo. Você não conta seu sonho em uma praça, mas para as pessoas com quem tem uma relação. O que sugere também que o sonho é um lugar de veiculação de afetos. Afetos no vasto sentido da palavra: não falo apenas de sua mãe e seus irmãos, mas também de como o sonho afeta o mundo sensível; de como o ato de contá-los é trazer conexões do mundo dos sonhos para o amanhecer, apresentá-los aos seus convivas e transformar isso, na hora, em matéria intangível.

Indo para a cama à meia noite e acordando às 6h, com o despertador no volume máximo, pouco lembrava dos meus sonhos. Sidarta Ribeiro (2019, p.20) alerta para este mal-estar que acomete os trabalhadores contemporâneos: “a rotina do trabalho diário e a falta de tempo para dormir e sonhar”. Lembrei do coelho branco que passa correndo logo no início da história de Alice no País das Maravilhas: “Ai, ai! Ai, Ai! Vou chegar atrasado demais!” (CARROLL, 2009, p. 13) – sempre atrás dos ponteiros do relógio, sem tempo para contemplação da vida interior, como iremos lembrar de um sonho? Foram estes questionamentos que deram

vida ao trabalho “Sonhos (trans)bordados” – uma investigação sobre os meus próprios sonhos e sobre as possibilidades de transpor as memórias oníricas para o bordado livre.

Entretanto, é importante salientar que a pesquisa teórica começou um pouco depois do início da feitura da obra. No meu processo criativo, normalmente sigo o desejo e a intuição imediatamente, colocando a “mão na massa”. Depois que a peça começa a tomar corpo, diminuo o ritmo do fazer e passo a estudar o tema. Não costumo me aprofundar teoricamente antes, porque sinto que o excesso de informação freia o meu processo criativo e retira a espontaneidade do movimento. Lembro de uma frase de Larrosa (2002, p.21) que corrobora com meu sentimento: “a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência”. Entretanto, não nego a pesquisa teórica, ela é crucial para retroalimentar todo o circuito a/r/tográfico de metodologia que utilizo; ela apenas aparece em um segundo momento, logo após o desencadeamento da criação artística.

Segundo Irwin (2013, p.29), “a/r/tógrafos concentram seus esforços em melhorar a prática, compreender a prática de uma perspectiva diferente, e/ou usar suas práticas para influenciar as experiências dos outros”. É uma metodologia de Pesquisa Viva, isso quer dizer que sofre modificações com a passagem do tempo, porque os problemas de pesquisa evoluem durante a investigação, assim como o nosso caminhar, cheio de desvios, deambulações, paradas e tropeços. Os a/r/tógrafos, que são artistas, pesquisadores e professores dentro de seus campos profissionais, estão interessados na construção de significados, tanto de maneira pessoal quanto coletiva, e em como as suas intervenções afetam a si mesmos e aos outros. É uma prática relacional de investigação, interessada sobretudo na produção de significados e na criação de conhecimentos (IRWIN, 2013).

Da mesma maneira, a escolha metodológica da narrativa autobiográfica também reforça o caráter relacional da pesquisa, visto que o “eu” é composto por vários “eus” e pelo “outro” (MARQUES; SATRIANO, 2017). A

escrita de si, para Foucault (1992), cria um corpo de verdade, que foge das amarras de uma sociedade disciplinar. Escrever sobre si mesmo é uma das práticas de si que constitui os modos de ser do sujeito, e enaltece o valor da subjetividade. Enquanto narro o meu processo criativo, conheço-me melhor; conhecendo-me melhor posso cuidar de mim; e apenas cuidando de mim é que posso cuidar dos outros. Foucault (2010) considerava o cuidado de si como uma potente ferramenta de transformação social. A seguir, narro o processo de feitura do trabalho e as possíveis reverberações e diálogos com o entorno, guiando-me pela pergunta: Como o fazer artístico pode gerar novas percepções e novos entendimentos para a comunidade onde vivo, para as pessoas ao meu redor?

Dos rastros de memórias do alvorecer aos bordados no lençol

Nos últimos anos, utilizei a argila como principal matéria na expressão da minha poética. Desde 2016, frequento o Atelier das Águas Belas, da artista visual e arte-educadora Christina Machado, para encontros semanais formativos em cerâmica. Entretanto, devido à pandemia, as aulas presenciais precisaram ser suspensas e o curso passou a ter um formato on-line. Não consegui dar continuidade a formação à distância, pelo cansaço proveniente do excesso de encontros em frente a tela luminosa do computador. Imersa neste novo processo de desacelerar, trazido pela quarentena, cessei também o contato semanal do meu corpo com a terra.

Reclusa, isolada, calada, deitada e descansada, vi surgir, então, o desejo por fios e tramas. Decidir bordar é, de certa forma, colocar o corpo obrigatoriamente em um estado contemplativo, silencioso, reflexivo, “voltado para dentro” – talvez fosse tudo o que precisava naquele momento. Curiosamente, a caixa de linhas para bordados guardada na parte inferior do meu guarda-roupas estava cheia de linhas em tons terrosos. O elemento terra, bastante presente no meu mapa astral, teima

FIGURA 2.

Ana Flávia Mendonça, Linhas de bordado e lençol, 2020. Fotografia, 10x10 cm. Recife. Fonte: Ana Flávia Mendonça.



em acompanhar-me mesmo quando abandono a cerâmica. Começo então a pensar na paleta de cores: marrons, ocre, vermelho (já disponíveis em casa), branco, amarelo, azul, verdes e lilases (comprados no “K-te Kero”, conforme Fig.2, um dos poucos armarinhos localizados na zona norte da cidade – um local de resistência têxtil no Recife).

O lençol de cobrir, velho e encardido, de algodão, mostrou-se o suporte mais adequado para o registro daquelas memórias oníricas. Ele servia como concha protetora para um corpo mole e frágil, que ainda absorvia com espanto as primeiras notícias sobre o novo vírus letal, de alto contágio. Passei muitos dias olhando o lençol em branco e pensando por onde começar. Durante a faxina da casa observava as teias de aranhas e os “bordados mágicos” tecidos em seus miolos por aqueles animais meticulosos e pacientes. Decidi, então, começar o trabalho traçando uma grande teia com o miolo espiralado, conforme Fig.3, onde iria depositar os meus sonhos. Aninhar os sonhos em espiral, era isso!

Uma agulha simples de costura e uma tesoura foram as únicas ferramentas usadas para a feitura do bordado. Experimentei um bastidor no início do processo, porém logo o abandonei, visto que a “moldura de madeira” dificultava a visão do trabalho como um todo. Como o lençol era muito grande e longo, testei várias posições e cadeiras, num processo quase performático de busca de conforto para o corpo. Coluna, braços, dedos e olhos sendo cuidados todo o tempo, para que as dores musculares não roubassem o prazer da execução do trabalho. Em determinado momento, enrolei as laterais do tecido para diminuir sua extensão, aos poucos ia desenrolando, à medida que o bordado crescia. Uma cadeira de balanço também proporcionou um pouco mais de aconchego ao processo: a coluna ficava bem apoiada, assim como os braços e colocava os pés sobre o acento, criando um bastidor imaginário com a tensão do tecido estendido sobre as pernas.

Todos os bordados foram feitos livremente sobre o tecido, sem seguir nenhum risco pré-determinado, tampouco esboços – as imagens

FIGURA 3.

Ana Flávia Mendonça, Início do processo criativo, 2020. Fotografia, 10x10 cm. Recife. Fonte: Ana Flávia Mendonça.



iam surgindo à medida que os pontos eram dados, tentando aproveitar a espontaneidade do traço e a liberdade de criação imagética, como se pode ver na Fig.4, abaixo. Além do bordado livre, sete pontos básicos foram utilizados na feitura dos desenhos: haste, atrás, estrela, corrente, pétala, ponto cheio e nó francês. Aprendi os pontos há aproximadamente cinco anos, através de vídeos no canal do Youtube do Clube do Bordado, empreendimento criado por cinco jovens mulheres paulistas.

Para não esquecer os sonhos e estimular a memória ao amanhecer, comprei um pequeno caderno e posicionei-o na mesa de cabeceira. Segundo Sidarta Ribeiro (2019, p.17), um dos maiores estudiosos sobre a história e a ciência do sonho no país:

Descrever os sonhos imediatamente ao despertar é uma prática simples que enriquece enormemente a vida onírica: em poucos dias quem jamais os recordara começa a preencher páginas e mais páginas de seu diário de sonhos, ou sonhário, recomendado desde a Idade Antiga para estimular a rememoração onírica. O sábio Macróbio postulou no século V que a pesquisa onírica depende primordialmente do registro fidedigno do sonho relatado. No século XX, os psiquiatras Sigmund Freud (1856-1939) e Carl Jung (1875-1961) fizeram da interpretação desses registros uma nova ciência sobre a mente humana: a psicologia profunda.

O desafio, então, era justamente recordar o máximo de detalhes dos sonhos e transcrevê-los para o caderninho de cabeceira logo ao acordar. Precisava ser leal ao meu inconsciente e não podia omitir pesadelos, sonhos eróticos, pessoas recorrentes, situações esquisitas – devia anotar tudo que viesse à tona, essa era a regra principal do “jogo”. Como o ato de bordar é um processo meticuloso e lento, o caderno fazia-se necessário: em duas ou quatro horas de bordado por dia, não conseguiria bordar um sonho completo e correria o risco de esquecer detalhes no dia seguinte, quando fosse dar continuidade ao bordado, por este motivo eram fundamentais as anotações.



FIGURA 4.

Renata Santana, Parte da espiral bordada, 2021. Fotografia, 09x16 cm. Recife. Fonte: Renata Santana.

Primeiramente, havia então a imagem onírica e a lembrança destas figuras e sensações ao despertar. Em um segundo momento, havia o registro destas memórias através da escrita; através da escolha de palavras que transmitissem aqueles sentimentos do sonho. Posteriormente, pensava em uma maneira criativa de transformar aquelas narrativas textuais em imagens visuais, utilizando o bordado livre.

Neste processo de transposição entre imagens, interessava-me sobretudo pelas “frestas”, estes “entrelugares” onde podia abusar da criatividade e da imaginação e podia desprender-me da rigurosidade do método. Irwin (2013, p.33) discorre sobre estas “aberturas” que “nos ajudam a ver além do que é naturalizado, presumido, dado como consumado”.

Numa definição preliminar, segundo Ribeiro (2019, p.14), “o sonho é um simulacro da realidade feito de fragmentos de memórias”. Após um ano registrando os sonhos no caderninho e bordando-os no lençol, ao analisar o conjunto de sonhos daquele período, compreendo bem quando Ribeiro (2019, p.17) afirma que “a matéria do sonho são as memórias, ninguém sonha sem ter vivido”. O apanhado de sonhos daquele ano, de março de 2020 a fevereiro de 2021, refletia bem minhas principais preocupações e anseios do período, com raras exceções (talvez alguns sonhos ainda pouco compreendidos por mim mesma). Embora, durante todo o processo, estivesse com a atenção mais voltada a vivenciar tudo àquilo e a “brincar” com a criação de imagens, afastando-me deste lugar de análise, próprio dos psicanalistas. Segundo Gurski (2021, p.15):

O espaço onírico é resistente à opressão sistemática do pensamento totalitário. Ainda que a liberdade democrática esteja seriamente ameaçada, a experiência onírica continua a produzir pensamentos sobre o que está sendo rasurado, censurado, oculto, negado.

Bosi (2012, p.198) traz outra consideração importante sobre a memória: “qual versão de um fato deve ser considerada verdadeira? Nós estávamos e sempre estaremos ausentes do fato que está sendo narrado”. Muitas vezes, durante o processo divaguei sobre os motivos de lembrar de alguns detalhes dos sonhos de maneira tão nítida e de outros, de maneira tão embaçada. Esta característica seletiva da memória e o fato de só poder escrever sobre o sonho já estando acordada, portanto já ausente da narrativa onírica, torna ainda mais enigmático o que de fato se passa na completude do nosso inconsciente. “Ainda que sob o signo da ausência e do vestígio” (LUERSEN, 2015, p.730) a memória nos conforta com a sensação de garantir certa continuidade dentro do tempo.

Das possibilidades de transbordar

Com o bordado em andamento, comecei a pensar em como aqueles meus registros oníricos, em forma de bordados, poderiam gerar trocas com outras pessoas; como, de alguma maneira, poderiam tocar o outro. Será que os meus vizinhos também sentiram, com o recolhimento da quarentena, que dormiam pouco e mal? Como as pessoas estavam vivenciando as suas camas e seus sonhos? Será que sonhavam? O que sonhavam dormindo e o que sonhavam acordados? Será que seguiam utopias para a construção de uma sociedade mais harmônica? O que conheço dos sonhos das pessoas que cruzam comigo nas ruas do meu bairro? Imaginei a quantidade de diálogos que poderia puxar a partir do objeto artístico – do lençol encardido coberto de bordados, que pode ser visto na Fig.5, abaixo. Em tempos desesperançosos, parecia-me urgente preservar os sonhos. Lembrei do livro de Paulo Freire (2018, p. 49-50), “Pedagogia dos sonhos possíveis”, e retirei-o da estante:

Contudo, para mim, é impossível existir sem sonhos. Como é que podemos aceitar esses discursos neoliberais que vêm sendo apregoados como verdadeiros e manter vivos os nossos sonhos?



FIGURA 5.

Renata Santana, A artista bordando em seu ateliê, 2021. Fotografia, 09x16 cm. Recife. Fonte: Renata Santana.

Uma maneira de fazê-lo, creio eu, é despertar a consciência política dos educadores.

Entretanto, devido à situação especial de confinamento social, percebi que não seria fácil encontrar pessoas abertas ao diálogo nas ruas. Um livro digital sobre a obra talvez adentrasse com mais facilidade na casa das pessoas e permitisse o início das trocas sobre a temática. Segundo Irwin (2013, p.34), “com o advento da tecnologia no nosso cotidiano e sua ênfase no visual e sensorial surge uma oportunidade para arte/educadores abraçarem suas práticas e compartilharem suas pesquisas com as suas comunidades”. Assim, materializei “O livro dos sonhos bordados”¹ (MENDONÇA, 2021), primeira tentativa de fazer o trabalho artístico “perambular” por outros locais e ganhar as ruas da cidade. O livro está dividido em quatro capítulos, nomeados “sonhos trans(bordados)”, “do caderninho de cabeceira”, “avessos” e “bastidores”. Como a/r/tógrafa, não poderia deixar a perspectiva educativa do projeto de lado, visto que mais do que contar a minha história, estava interessada em “contar uma história que permita a outros contar(se) a sua” (HERNÁNDEZ, 2013).

O primeiro capítulo é composto pelas fotografias dos bordados, apresentadas seguindo a ordem da espiral, de dentro para fora, um sonho seguido por outro. Entretanto, enquanto bordava, tentei sempre emendar a ideia de um sonho com a de outro, então nem sempre fica tão nítido quando uma história começa e a outra termina, e, algumas vezes, acaba surgindo uma terceira narrativa desses encontros. Os sonhos foram posicionados na espiral seguindo os critérios de proximidade temática e harmonia das cores e das formas, portanto, o bordado não seguiu a ordem cronológica.

Já no segundo capítulo, “do caderninho de cabeceira”, os sonhos são apresentados de maneira textual, seguindo o fluxo das datas – do primeiro

1 O livro está disponível para download gratuito no seguinte endereço eletrônico: www.anaflaviamendonca.com.br

até o último. Em um ano, foram anotados 32 sonhos. De maneira geral, minhas anotações eram bem diretas e objetivas, poderia dizer que quase “telegráficas”. A partir desta observação, o revisor do livro sugeriu que todas as anotações fossem colocadas juntas, formando um único longo texto, como um único longo sonho, o que corroborava com o texto de epígrafe do livro “Tudo isso era um sonho? Era tudo um sonho?” (SMITH, 2019b, p.145).

O terceiro capítulo ficou inteiramente dedicado ao avesso dos bordados, local que denuncia as etapas de elaboração do trabalho: a troca de cores das linhas, as ataduras e as interrupções. Antigamente, considerava-se que um avesso bem cuidado era prova da destreza técnica da bordadeira. Hoje, há artistas que adoram subverter esta ideia e apostam na riqueza imagética de um avesso emaranhado. Entretanto, seja de uma forma mais cuidada ou bagunçada, o avesso sempre deixa pistas interessantes para divagações e análises e cria novas imagens. Este capítulo foi posto no livro para estimular os diálogos sobre estas sobreposições de camadas imagéticas.

Por fim, há o quarto capítulo, “bastidores”, que brinca com o duplo significado da palavra bastidor: o de coxia, o que fica por trás dos holofotes do palco; e o de moldura de madeira que dá suporte ao tecido que será bordado. O capítulo desvela, através de imagens fotográficas, o procedimento de execução da obra, dando destaque ao processo. As fotografias do livro foram feitas por Renata Santana, o projeto gráfico foi criado por Isabela Loepert, a revisão foi de Marcelo Campello e a produção executiva de Bruna Pedrosa, olhares e braços que se uniram aos meus no processo de criação do livro.

Entretanto, além do objeto artístico e do livro como materiais educativos e disparadores de reflexões, pensei na criação de uma oficina virtual como possibilidade de partilhar com mais pessoas os conhecimentos

sobre bordado. Estructurei a “Oficina de bordado de sonhos”², um roteiro de 04 páginas em PDF, que pode ser replicado por arte-educadores em ambientes formais e não formais de ensino, cujo objetivo geral é criar um coletivo de sonhadores, através das possibilidades de uso do bordado como forma de expressão e de prática artística.

O conteúdo programático aborda os materiais necessários, a apresentação de alguns trabalhos de artistas contemporâneas que utilizam o têxtil em suas poéticas, 07 pontos básicos de bordado (Atrás, Haste, Estrela, Corrente, Pétala, Ponto Cheio e Nó Francês), a aprendizagem da construção têxtil utilizando os suportes cartolina e algodão cru, e a proposição de atividades criadoras, utilizando dois títulos disparadores: sonhos sonhados dormindo X sonhos sonhados acordados. Para facilitar a aprendizagem dos pontos, gravei vídeos caseiros e os disponibilizei através da plataforma Youtube. Percebi que utilizar a cartolina como suporte favorecia a visualização ampliada e esquemática dos pontos, devido aos furos prévios. Por este motivo, sugiro que os pontos sejam aprendidos primeiro em um suporte expandido, como a cartolina, e em um segundo momento sejam experimentados no tecido. Em cinco encontros de 04 horas, completando uma carga horária total de 20 horas, sugiro a seguinte distribuição de atividades por aula, conforme Quadro.1, abaixo:

2 O roteiro da oficina é disponibilizado de maneira gratuita através do e-mail da autora: anaflaviafnm@gmail.com

Encontro	Conteúdos programáticos
01	Apresentação dos materiais; Apresentação dos pontos Atrás, Haste e Estrela;
02	Apresentação dos pontos Corrente, Pétala, Ponto Cheio e Nó Francês; Apresentação de trabalhos de artistas contemporâneas têxteis;
03	Reflexões sobre os sonhos sonhados dormindo – escuta coletiva; Vivência poética prática: imagens do sonho através do bordado livre;
04	Reflexões sobre os sonhos sonhados acordado – escuta coletiva; Vivência poética prática: imagens das utopias através do bordado livre;
05	Escuta e partilha das reflexões e significados construídos ao longo dos encontros, através da apresentação das vivências poéticas.

QUADRO 1.

Distribuição dos conteúdos programáticos por aula.
Fonte: Elaborado pela autora.

Lembrei de um trecho do livro “Bordando afetos na formação docente”, de Luciana Borre (2020, p.19), que diz:

Como práticas de silenciar e a escuta atenta e aberta ao outro pode se constituir estratégia de formação docente? Provocadas e acreditando nos “pontos mais simples do bordado”, decidimos que a troca de relatos e de vivências poéticas proporcionaria contato/conexão/envolvimento.

Acredito, sobretudo, na potência de construção de significados a partir destes momentos de escuta em rede, quando o docente silencia e abre espaço para ouvir atentamente os participantes da oficina; abre

espaço também para que os participantes possam ouvir uns aos outros. A roda de conversa é o local da partilha de saberes e do fomento de práticas políticas. Escutar, escutar, escutar, desfazer preconceitos, reconstruir ideias e rever o jeito de olhar o mundo, juntos. Segundo Paulo Freire (2018, p.51):

Como educadores progressistas, uma de nossas maiores tarefas parece dizer respeito a como gerar nas pessoas *sonhos políticos*, *anseios políticos*, *desejos políticos*. A mim, como educador, é impossível construir os anseios do outro ou da outra. Essa tarefa cabe a ele ou a ela, não a mim. De que modo podemos encontrar alternativas de trabalho que propiciem um contexto favorável para que isso ocorra?

O tempo do bordado é um momento propício ao encontro. Nesta sociedade tão desencontrada, talvez seja uma técnica bastante adequada para estimular o exercício da cidadania. Bordar os sonhos coletivamente, em tempo de pandemia, parece-me uma metáfora de ode à continuidade da vida.

Considerações finais

Contar sobre os nossos processos artísticos é uma maneira de refletir sobre acertos e erros do caminho escolhido. É, também, uma forma de partilhar saberes, vivências e experimentações. “Sonhos trans(bordados)” foi o segundo trabalho que executei utilizando a técnica do bordado livre. O primeiro aconteceu em 2017, quando bordei sobre as fotografias das artistas Graci Lídima, Letícia Andrade e Paula Lize, para a publicação do zine “A ponte e o vão”, quando estávamos no primeiro ano da graduação em Artes Visuais.

Bordar um lençol é um projeto ambicioso porque trata da escolha de um suporte bastante amplo (sobretudo quando é um lençol de casal, que

foi o meu caso). O universo de sonhos recolhidos da minha memória, em um ano, foi capaz de preencher a espiral central, com diâmetro aproximado de 80 centímetros – o miolo do retângulo. Portanto, ainda tenho bastante tecido disponível e ideias para desdobramentos do projeto.

Já pensei em iniciar um processo de recolhimento de narrativas oníricas, através de textos (gosto muito de usar textos em meus projetos artísticos, por causa das “frestas” encontradas nas entrelinhas). A partir das vivências das oficinas, poderia começar a colher estes relatos, perguntar as pessoas sobre os sonhos recorrentes ou marcantes que tiveram durante a pandemia. Já pensei, também, em continuar anotando os meus sonhos ao longo dos anos e seguir na observação deste imaginário onírico particular, talvez nem tão particular assim quando lembro do conceito de inconsciente coletivo criado por Jung. Ou, ainda, convidar pessoas para bordar o lençol junto comigo.

Por enquanto, ainda estou maturando estas ideias, não coloquei o corpo em ação outra vez. Descanso, ainda, deste primeiro ciclo de pesquisa, criação artística e concepção de ações educativas. Ainda tenho um longo caminho a percorrer no sentido de colher as impressões sobre o projeto e a eficácia das ações educativas. A oficina, por exemplo, foi estruturada mais ainda não foi aplicada, portanto ainda pode sofrer ajustes e alterações em seu formato. Agora, entretanto, sigo sem pressa e respeito este meu novo modo lento de ser, para que os sonhos não me escapem. Lentamente, o projeto seguirá vivo.

Referências

BORRE, Luciana. **Bordando afetos na formação docente**. Conceição da feira: Andarilha Edições, 2020.

BOSI, Ecléa. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. [Entrevista concedida a Mozahir Salomão Bruck]. **Dispositiva - Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas**, Minas Gerais, v.1, n. 2, p. 196-199, nov., 2012.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.

_____. **O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Organização Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GURSKI, Claudia. A oniropolítica e a “peste” freudiana. *In: Dossiê Sonhos Aprisionados: com que sonharam os brasileiros em 2020*. Cult – Revista Brasileira de Cultura, São Paulo, ano 24, edição 266, fevereiro de 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HERNÁNDEZ, Fernando. A pesquisa baseada nas artes: propostas para repensar a pesquisa educativa. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Artes: A/r/tografia**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013, p. 27-35.

IRWIN, Rita. A/r/tografia. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Artes: A/r/tografia**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013, p. 27-35.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAROSSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr, n 19, p 20-28, 2002.

LUERSEN, Paula. A memória na arte contemporânea: em busca de passados presentes. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL: ARQUIVOS, MEMÓRIAS, AFETOS, VIII., 2015, Goiânia. **Anais...** Goiânia, UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015. p.726-736

MARQUES, Valéria; SATRIANO, Cecilia. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v.23, n.51, p. 369-386, jun-set, 2017.

MENDONÇA, Ana Flávia. **O livro dos sonhos bordados** (livro eletrônico). Recife: Edição da Autora, 2021. Disponível em: <https://www.anaflaviamendonca.com.br/o-livro-dos-sonhos-bordados/>. Acesso em 30/06/2021.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite**: a história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SMITH, Patti. **Só garotos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Linha M**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. **Devoção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019a.

_____. **O ano do macaco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019b.

Decreto Nº 48.810 de 16/03/2020, do Governo de Pernambuco.
Disponível em: <http://web.transparencia.pe.gov.br/ckan/dataset/legislacao-covid-19/resource/eb46cb7d-c36b-4a95-b8f4-abfdc91cc25f>. Acesso em 25/04/2021.

Artigo submetido em: 06/10/2021

Aceito em: 16/05/2022